

O SUJEITO EM FORMAÇÃO

Texto apresentado no I Seminário de Integração Curricular do Curso de Psicologia.
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005

Leander Mattioli Pasqual

Psicólogo. Graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (Brasil)

Email:

leomattioli@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo desenvolve uma crítica sobre os métodos formais de ensino aplicados à psicologia. A psicologia, ciência que opera com a própria subjetividade enquanto instrumento, é incompatível com o modelo educacional normativo, cujo propósito consiste em anular as implicações do sujeito em sua formação, já que de antemão apresenta os caminhos a serem seguidos. O autor tenta demonstrar o efeito inevitável da subjetividade na formação do psicólogo, efeito que faz cair a distinção recorrente entre objetividade e subjetividade.

Palavras-chave: formação, psicologia, subjetividade

A formação profissional em qualquer área é geralmente associada ao ensino de conteúdos programáticos específicos, indispensáveis para a atuação futura do profissional, isto é, programas fundamentais que tornam aptos ao trabalho aqueles que se destinam à determinada área do conhecimento científico, e sem os quais nada se poderia fazer quanto ao ensino da profissão.

Trata-se, neste caso, de um ensino formal que enuncia para seus estudantes as regras básicas de conduta e pensamento necessárias para a formação do bom profissional, isto é, existe um modelo a ser seguido. Nos carimbos institucionais, nos certificados de conclusão, na burocracia da educação, insiste um método de padronização que torna secundário o aspecto pessoal e subjetivo das relações humanas. O que vigora são as forças normatizantes contrárias à expressão afetiva do sujeito.

Nas diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, encontram-se os princípios e as competências necessárias para a formação e atuação do profissional na área. A prática do psicólogo está fundamentada na construção e desenvolvimento do pensamento científico, a partir dos múltiplos referenciais próprios do conhecimento

psicológico. A formação do profissional também depende de sua capacidade de articulação das diferentes perspectivas necessárias para a compreensão do fenômeno psicológico em sua multideterminação. A capacidade de avaliar e intervir, com respeito aos diferentes contextos sociais e institucionais, garante o domínio dos instrumentos e estratégias específicas de seu trabalho.

As bases curriculares são necessárias para a definição de um curso profissional, porém insuficientes para a garantia de uma boa formação. Tal garantia não pode ser dada senão pelo próprio sujeito, por sua exclusiva responsabilidade. Somente por definição legal, não é possível tornar o sujeito responsável pela sua formação. Desta forma, a educação acaba por sustentar uma transmissão simplesmente cognitiva de princípios e conteúdos e uma instrumentalização automática do sujeito, esvaziando o valor dos sentidos próprios que constituem sua existência.

A proposta deste trabalho não é apontar as razões que envolveram o processo educacional nesta problemática, mas indicar a insustentabilidade desta situação para a formação do psicólogo. As áreas mais objetivas do conhecimento se adaptam melhor a este modelo de educação, já que para sua realização é imprescindível a neutralidade do pesquisador. Mas para a psicologia não há saída, não resta outra possibilidade senão enfrentar a situação que tenta sufocar sua propriedade de estudo: a singularidade humana.

A subjetividade é esse objeto de conhecimento que constringe um ideal de inteligibilidade definido pela tentativa de alcançar um determinismo e uma previsibilidade máximos (...) É exatamente pela dificuldade em formalizar um conhecimento sobre a subjetividade, tal como as ciências naturais investigam em seus laboratórios, que o pensamento contemporâneo se esforça em traçar uma estratégia de abordagem paralela àquela da ciência (PASSOS, 1994, p. 67)

O trabalho do psicólogo depende principalmente de sua escuta. Porém, não há conhecimento suficiente que possa garantir o bom uso deste instrumento. Isto porque a escuta não permite a dissociação entre o profissional e sua subjetividade, método empregado em outras áreas do conhecimento. O psicólogo, oferecendo sua escuta, depara-se constantemente com seus valores, afetos e fantasias, o que faz de seu trabalho um processo ilimitado de aprendizado sobre si mesmo. O trabalho oferecido pelo psicólogo consiste em propiciar um espaço de expressão singular, cujos resultados levam sempre a um saber inacabado sobre o sujeito, saber restrito que exige do psicólogo a atualização permanente de sua escuta. Somente sob esta condição o psicólogo pode exercer sua escuta.

É imprescindível para o psicólogo o trabalho com sua subjetividade. Não apenas no sentido de conhecê-la para evitar possíveis interferências, visando uma neutralidade impossível, mas principalmente para a descoberta de seu próprio modo de ser e trabalhar. Eis a condição fundamental de seu trabalho. Como escutar a singularidade de cada um partindo de um ponto de vista normativo? O psicólogo sem feição própria, alienado no sentido que o outro lhe dirige, que

se entregou a um modelo prescrito de formação, tem mais dificuldades em sua escuta, pois não encontrou em si o desvio necessário para sua *deformação*. Sua escuta será viciada em bases conceituais e universalizantes, tornando mais difícil o acesso ao que o outro lhe diz.

Simplificando: só aquele que procura a si mesmo, para além de todo saber, pode ajudar o outro nesta busca. O que confere valor ao psicoterapeuta é sua capacidade artística, criativa no ato terapêutico, é o “estilo que representa a maneira toda pessoal, do artesão como do psicoterapeuta, de trabalhar, de se situar no mundo e de se relacionar com outrem, que confere a cada psicoterapia uma nota inconfundível, segundo as características, a formação e a concepção que dela faz o seu condutor” (BUCHER, 1989, p.39)

A formação profissional do psicólogo não é quantificável, não se efetua simplesmente com um número x de horas-aula. Dá-se antes pelo tempo dedicado a si mesmo enquanto pessoa, pelo cotidiano, pelo desejo íntimo de se tornar um bom profissional, como se descobrisse na própria psicologia parte de si mesmo. Só assim o psicólogo poderá ajudar o outro no exercício radical de sua alteridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUCHER, R. *A psicoterapia pela fala*. São Paulo: EPU, 1989. p. 27-42.

MEC. Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior. Resolução n.8, de 7 de Maio de 2004.

PASSOS, E. *Pós-naturalismo e ciência da subjetividade: problema do tempo e da autonomia no cognitivismo contemporâneo*. São Paulo: PUC-SP, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade. v. 2, n.1 e 2, 1994, p. 67-78.